

# Estava a Linda Inês...

RUBEM BRAGA

**EM** uma quinzena ou pouco mais desfez-se aquele «engano de alma ledo e cego» em que o país viveu, desoprimido, os primeiros meses do governo Costa e Silva.

Talvez seja de mau gosto dizer isso, logo nesta semana tão carioca em que o nosso simpático marechal está preocupado sobretudo com o Grande Prêmio Brasil. Sua culpa foi entender que uma certa bonhomia era o bastante para garantir uma suave transição entre a dureza da opressão policial-militar que impopularizara o regime passado e a tímida alvorada democrática.

Com uma suficiência mal-avisada timbrou o governo em deixar claro que não admitia que se pensasse em anistia ou sequer revisão de penas políticas; que a Lei de Segurança era intocável, embora não pretendesse usá-la. Parecia também envergonhado de alterar a linha entreguista do regime Castelo Branco, como se atender aos anseios nacionalistas de grandes setores da opinião pública, inclusive de círculos militares, fôsse uma coisa feia, embora necessária.

Houve o caso Hélio Fernandes. Pior do que isso — ainda há. Continua o jornalista em um barracão cercado de ratos, no interior de uma ilha remota, quando todos sentem que não mais se justifica a indignação causada pelo seu destempero verbal. Se vai o sr. Carlos Lacerda visitá-lo, não faz mais que sua obrigação. Se Hélio Fernandes foi excessivo e de mau-gosto, a verdade é que ninguém poderia discutir seu direito de detestar o finado marechal, que só o incluiu na lista das cassações porque não teve coragem para incluir o seu chefe e amigo Lacerda. O episódio penoso seria encerrado com a simples libertação do jornalista; há, porém, quem deseje fazê-lo render, e, a propósito disso, pôr a funcionar a ignóbil Lei de Segurança.

Em relação aos estudantes está o governo agindo com a mesma grossura de seu antecessor. Faço questão de deixar bem claro que acho a «Carta da UNE», votada no XXIX Congresso que a polícia tentou ou fingiu que tentou impedir, uma inaceitável mistura de reivindicações populares com proposições de um infantilismo extremista que só pode ajudar a reação.

Será que a esquerda brasileira não esqueceu e não aprendeu nada, e continuará a praticar patéticas no nível mental dêsse cabo Anselmo, que com suas basófilas guerrilheiras mais parece um agente da CIA? Acredito francamente que se fôsse dada aos estudantes a liberdade de associação e manifestação pública a que eles, como todos os cidadãos, têm direito, não faltariam, em seu meio, vozes mais inteligentes, capazes de examinar a conjuntura brasileira com senso de realidade, refusingo a aplicação de **slogans** importados.

O Brasil caminha para a assunção de uma personalidade nacional que é tão incompatível com êsses **slogans** como com a subserviência mental da velha Sorbonne, que nos levou a um omnímodo entreguismo, desde o campo econômico e financeiro até à orientação educacional e o capangismo na política internacional. Chegamos a mandar tropas a defender a democracia e a civilização ocidental na República Dominicana, embora ignoremos o Haiti entregue a seus **ton-ton-macoutes** (que viraram nome de boate de grã-finos paulistas), os nossos vizinhos paraguaios e as torturas praticadas aqui dentro mesmo, à sombra dos sinistros ipeêmes. Será que estamos condenados à tolice, entre São Domingos e Caparaó?

Há muita coisa para o simpático marechal ponderar segunda-feira, quando se refizer das emoções do Hipódromo da Gávea.

326